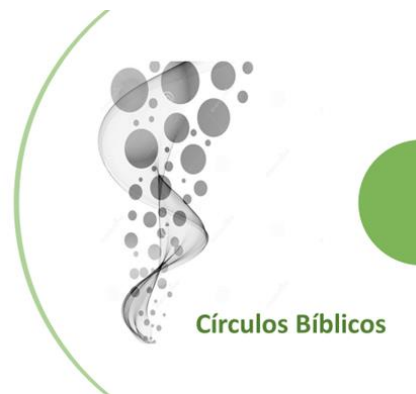


Semana Santa 2020



Sexta-Feira Santa

O sentimento que largos milhões de mulheres e de homens provam nesta hora é, nada menos, de que uma radical expropriação da sua humanidade aconteceu. O elenco e a natureza das coisas que nos estão vedadas é impressionante e isso representa um empobrecimento brutal da vida. Pensar que estão suspensas dimensões elementares como a proximidade entre nós humanos, (...) Ou, então, como nestas poucas semanas disparou o desemprego, a precaridade, a pobreza e a solidão. Quando nos damos conta do que está a acontecer é impossível não se sentir expropriado de algo que é (ou deveria ser) universalmente sagrado. Ora esta confiscação da existência é a condição vivida na primeira pessoa por Aquele que foi suspenso na cruz. Por isso nenhuma dor, nenhum pranto, nenhum medo, nenhum confinamento humano lhe é verdadeiramente indiferente. A cruz de Cristo expressa de um modo escandalosamente novo o espaço de Deus no mundo.

Tolentino Mendonça, *Sexta-feira santa no mundo*, in Revista Expresso, 4 de Abril 2020



1 – Leitura da Vida

Num relatório intitulado “O Preço da Dignidade”, a Oxfam indicou que entre 6% e 8% da população mundial pode cair na pobreza, devido à paragem das economias para controlar a propagação do vírus.

“Isto pode significar à escala mundial um recuo de dez anos na luta contra a pobreza e um recuo de 30 anos em certas regiões, como a África subsariana, o Médio Oriente ou a África do Norte”, com mais de metade da população mundial ameaçada de cair em situação de pobreza após a pandemia, diz a Oxfam.

(Lusa, in Público on-line, 9 de Abril 2020)

- Que preço tem a dignidade humana?
- Conseguimos nomear as nossas ‘expropriações’ ou ‘confiscações’? Quais são? Que dignidade conferiam à nossa vida?
- Conseguimos nomear as ‘expropriações’ e ‘confiscações’ dos outros? Dos migrantes? Dos sem abrigo? Dos indocumentados? Dos desempregados? Dos dependentes? ... Quais são? Que dignidade conferiam às suas vidas?

2. Leitura da Palavra de Deus (João 18-19)

Então, o Sumo Sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. Jesus respondeu-lhe: «Eu tenho falado abertamente ao mundo; sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se reúnem, e não disse nada em segredo. Porque me interrogas? Interroga os que ouviram o que Eu lhes disse. Eles bem sabem do que Eu lhes falei.»

Quando Jesus disse isto, um dos guardas ali presente deu-lhe uma bofetada, dizendo: «É assim que respondes ao Sumo Sacerdote?» Jesus replicou: «Se falei mal, mostra onde está o mal; mas, se falei bem, porque me bates?» Então, Anás mandou-o manietado ao Sumo Sacerdote Caifás.

Entretanto, Simão Pedro estava de pé a aquecer-se. Disseram-lhe, então: «Não és tu também um dos seus discípulos?» Ele negou, dizendo: «Não sou.» Mas um dos servos do Sumo Sacerdote, parente daquele a quem Pedro cortara a orelha, disse-lhe: «Não te vi eu no horto com Ele?» Pedro negou Jesus de novo; e nesse instante cantou um galo.

De Caifás, levaram Jesus à sede do governador romano. Era de manhã cedo e eles não entraram no edifício para não se contaminarem e poderem celebrar a Páscoa.

Pilatos veio ter com eles cá fora e perguntou-lhes: «Que acusações apresentais contra este homem?» Responderam-lhe: «Se Ele não fosse um malfeitor, não to entregaríamos.» Retorquiui-lhes Pilatos: «Tomai-o vós e julgai-o segundo a vossa Lei.» «Não nos é permitido dar a morte a ninguém», disseram-lhe os judeus, em cumprimento do que Jesus tinha dito, quando explicou de que espécie de morte havia de morrer.

Pilatos entrou de novo no edifício da sede, chamou Jesus e perguntou-lhe: «Tu és rei dos judeus?» Respondeu-lhe Jesus: «Tu perguntas isso por ti mesmo, ou porque outros to disseram de mim?» Pilatos replicou: «Serei eu, porventura, judeu? A tua gente e os sumos sacerdotes é que te entregaram a mim! Que fizeste?» Jesus respondeu: «A minha realeza não é deste mundo; se a

minha realeza fosse deste mundo, os meus guardas teriam lutado para que Eu não fosse entregue às autoridades judaicas; portanto, o meu reino não é de cá.» Disse-lhe Pilatos: «Logo, Tu és rei!» Respondeu-lhe Jesus: «É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz.» Pilatos replicou-lhe: «Que é a verdade?»

Dito isto, foi ter de novo com os judeus e disse-lhes: «Não vejo nele nenhum crime. Mas é costume eu libertar-vos um preso na Páscoa. Quereis que vos solte o rei dos judeus?» Eles puseram-se de novo a gritar, dizendo: «Esse não, mas sim Barrabás!» Ora Barrabás era um salteador. (...)

Os soldados, depois de terem crucificado Jesus, pegaram na roupa dele e fizeram quatro partes, uma para cada soldado, excepto a túnica. A túnica, toda tecida de uma só peça de alto a baixo, não tinha costuras. Então, os soldados disseram uns aos outros: «Não a rasguemos; tiremo-la à sorte, para ver a quem tocará.»

Assim se cumpriu a Escritura, que diz:

*Repartiram entre eles as minhas vestes
e sobre a minha túnica lançaram sortes.
E foi isto o que fizeram os soldados.*

(...) Depois disso, Jesus, sabendo que tudo se consumara, para se cumprir totalmente a Escritura, disse: «Tenho sede!» Havia ali uma vasilha cheia de vinagre. Então, ensopando no vinagre uma esponja fixada num ramo de hissopo, chegaram-lha à boca. Quando tomou o vinagre, Jesus disse: «Tudo está consumado.» E, inclinando a cabeça, entregou o espírito.

Como era o dia da Preparação da Páscoa, para evitar que no sábado ficassem os corpos na cruz, porque aquele sábado era um dia muito solene, os judeus pediram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas e fossem retirados. Os soldados foram e quebraram as pernas ao primeiro e também ao outro que tinha sido crucificado juntamente. Mas, ao chegarem a Jesus, vendo que já estava morto, não lhe quebraram as pernas. (...)

É que isto aconteceu para se cumprir a Escritura, que diz: *Não se lhe quebrará nenhum osso.* E também outro passo da Escritura diz: *Hão-de olhar para aquele que trespassaram.*



(Bíblia dos Capuchinhos on-line)

- Conhecemos esta narrativa, ouvimo-la repetidamente. Aqui, propomos-vos que leiam demoradamente a narrativa: Há alguma coisa de novo? Que ‘confiscações’, que ‘expropriações’ se dão?
- O que se revelou, hoje, de novo? Qual foi a palavra? A cena? As personagens em que ficámos suspensas? Porquê?
- “A cruz de Cristo expressa de um modo escandalosamente novo o espaço de Deus no mundo.” – que novidade encontramos na cruz de Cristo? Que diferença faz no mundo? Como a vivemos na nossa vida?